

## O MEU CRISTO

17 de abril de 1981 - Sexta-feira Santa. Hoje na minha casa não se come carne. É proibido o canto, o assobio, o falar alto. O rádio e a televisão estão desligados. Sou antigo, intolerante e ditatorial. Tudo deve ser silêncio, respeito e reflexão. As pessoas devem andar na ponta dos pés. Não se trabalha e nem se cogita de negócios. Como distração só é permitida a leitura. Os diálogos são monossilábicos e a meia voz. Assim foi na casa de meu Pai e será na de meu filho. Morreu um parente, um amigo de sempre. Morreu o Filho de Deus, faleceu o Homem, que deve ser velado. Não há viagens, nem risos. Um pequeno sacrifício, para lembrar d'Aquele que fez tantos. À noite, a procissão é obrigatória.

Realmente, estamos tristes, recordando a vida ímpar, os ensinamentos, as parábolas, os sermões, os sofrimentos, a via crúcis, a crucificação. E, sobretudo, pensamos na atualidade dos fatos nos crimes, nas injustiças, nas guerras, na fome, nos infortúnios, nas doenças e nas desgraças. Os pobres, os miseráveis, os infelizes ainda existem em todos os cantos, em todos os quadrantes da terra. Que pena exista mais ódio que amor, mais tristeza que alegria, mais predileção pela riqueza

que pela virtude! Que pena todos não sejam irmãos, que vieram e vão voltar para o mesmo Pai.

Ainda bem que existe a esperança, ainda bem que vai haver o renascimento. O dia de luto vai passar, como sempre, e em nossos corações, ungidos pela fé, O veremos de novo, em meio à luz, com toda a felicidade da terra e do céu.

E veremos sim, porque o meu Cristo não é o explorado pelos mercadores, o crucificado pelos que têm sede de poder, o lembrado pelos políticos, o incensado pelos oportunistas. O meu Cristo é meu Pai, meu irmão, meu filho. Brincou comigo na infância. Fomos juntos à escola. Fizemos esporte na mocidade. Sentamos lado a lado nos bancos da faculdade. Defendemos os inocentes no fórum. Chorou comigo nas doenças e nas derrotas. Sentiu júbilo nas minhas vitórias. Riu comigo nas festas. Acompanhou-me no afã das aventuras. Pescou comigo no Tietê. Amamos juntos as mesmas coisas e as mesmas pessoas. Sentimos juntos as incertezas, as angústias, os desesperos. Mas também recebemos juntos a alegria, os prazeres sadios, o amor feito pureza. Um dia, tão triste que mais não pode haver, Ele segurou minha mão quando meu Pai morreu e chorou comigo. Nunca duvidou de mim, nunca me desprezou, nunca me esqueceu.

Sei que Ele irá até o fim. Se um dia eu não tiver mais Pátria, nem família, nem amigos, nem amor, nem carinho, sei que Ele estará comigo.

Daqui a um instante, ou daqui a muitos anos, quando eu renascer num outro plano, num outro mundo, Ele estará à porta de Sua casa, esperando como só os amigos sabem esperar, rindo, brincando e dizendo:

Rubão. Você chegou na hora... Eu não falei que aqui era bom, era belo, era melhor? Vamos entrar que o Meu e o seu Pai querem nos ver, para sempre.